

O MACHO FEMININO E A FÊMEA MASCULINA - ANDROGINIA

Jorge José Serapião¹³

Este título nos remete a questão da androginia, isto é a mistura dos gêneros masculino e feminino. E será essa, a questão (questão de gênero) sobre a qual desenvolveremos a maior parte de nossas considerações.

Cabe entretanto analisar as demais vertentes que lidam com a imprecisão em se estabelecer uma diferença entre o masculino e o feminino.

Na vertente biológica o termo androginia é praticamente desconhecido e as ambigüidades entre os sexos são designadas pelo termo intersexualidade.

No mundo da biologia a existência de dois sexos liga-se a reprodução sexuada, na qual os indivíduos distinguem-se pela capacidade de produzir gametas masculinos e femininos. Esses gametas se unem para criação de novos seres. Essa fusão determina (determinação sexual) se esses seres serão de um ou de outro sexo. Mais adiante, com o sexo biológico já determinado, esses novos seres vão se diferenciar (diferenciação sexual) em macho e fêmea ao longo de seu desenvolvimento embrionário. Os mecanismos de determinação e de diferenciação são bem precisos embora possam ocorrer “falhas” o que redundam em imprecisões denominadas no mundo biológico de intersexualidade. Não sendo oportuna uma descrição detalhada dessas numerosas situações nos limitaremos a exemplificá-las com dois casos típicos: a *Síndrome de Morris* - indivíduo fenotipicamente (aparência externa) feminino portador de testículos e a *Síndrome de hiperplasia supra renal congênita feminina* - indivíduo portador de ovários mas com aparência fenotípica masculina em decorrência de uma intensa virilização.

Basicamente na *Síndrome de Morris* (também conhecida no passado por síndrome dos testículos femininizantes) o indivíduo tem testículos (às vezes ectópicos) que produzem testosterona mas falta-lhes uma enzima, a 5 alfa redutase, que transformaria a testosterona em dehidrotestosterona, esta sim, ativa e capaz de fazê-lo fenotipicamente masculino permanecendo assim, com aparência feminina.

1

³ Professor da Faculdade de Medicina da UFRJ. Ambulatório de Sexologia do IG – UFRJ. e-mail: serapius@unisys.com.br

Na *hiperplasia suprarrenal congênita feminina* o indivíduo é portador de ovários porém teve, ao longo de seu desenvolvimento embrionário, uma intensa exposição a hormônios masculinos produzidos por sua suprarrenal hiperfuncionante. Disso resulta o desenvolvimento de uma genitália ambígua e um fenótipo masculino por virilização.

Ainda na vertente biológica usa-se o termo hermafrodita para designar um indivíduo que tenha, ao mesmo tempo um ovário e um testículo, ou uma dessas gônadas associadas a um ovotestis (gônada com mistura de tecido ovariano e testicular). São situações raras denominadas de hermafroditismo verdadeiro.

O termo pseudo hermafroditismo feminino descreve os intersexos que têm ovários (por exemplo, a já citada hiperplasia suprarrenal congênita feminina) ainda que seu fenótipo seja masculino. Já o termo pseudo hermafroditismo masculino descreve os intersexos que têm testículos (por exemplo, a já citada Síndrome de Morris) ainda que seu fenótipo seja feminino. Assim, percebemos que o que justifica a denominação pseudo hermafroditismo masculino ou feminino num indivíduo com imprecisão de características sexuais é a presença de testículos ou de ovários respectivamente.

Na vertente psico social a questão da nomenclatura usada para designar a imprecisão dos sexos fica mais complexa, porque surgem dois outros conceitos – o conceito de gênero e o de identidade sexual.

Identidade sexual é como o indivíduo se reconhece sendo biologicamente um homem ou uma mulher.

Já a palavra *gênero* tem inúmeros significados. Por exemplo: gênero em biologia é uma unidade de taxonomia que agrupa um conjunto de espécies; gênero literário define estilos poéticos; gênero musical refere-se a tipos de composição etc.

Durante muito tempo o termo gênero relacionou-se ao mundo da gramática e definia o “sexo” das palavras. Aos poucos os sócio-biólogos foram reservando o termo gênero para referirem-se às diferenças sociais entre homens e mulheres e que passou a ser conhecido como papel de gênero. Isso porque a sociedade tende a definir o comportamento que os indivíduos devem ter se forem de um determinado gênero. Gestos, indumentária, atividades profissionais,

lazer etc são ditados de uma forma mais ou menos rígidas para cada um dos gêneros segundo os padrões da sociedade a que pertençam.

Quando o indivíduo apresenta intensa insatisfação em representar os papéis de gênero correspondente a seu sexo biológico usa-se a expressão *disforia de gênero*. Ocasionalmente esse desconforto é de tal intensidade que o indivíduo busca cirurgias (cirurgia de transgenitalização) que adeque sua anatomia à identidade sexual que ele ou ela julguem possuir.

Já no *travestivismo* o indivíduo, embora reconheça que sua identidade sexual é compatível com seu sexo biológico, tem prazer em exercer papéis do gênero oposto, ocasional ou permanentemente.

Nada disso tem a ver com homo ou heterossexualidade que se relaciona com o *drive* ou orientação sexual psico-afetiva do indivíduo. Embora para a maioria dos autores bissexualidade seja sinônimo de intersexualidade, para alguns o termo quer significar indivíduos que se sentem atraídos indiferentemente por indivíduos do seu próprio sexo ou do sexo oposto.

Ainda sob o ponto de vista social os termos andrógono, hermafrodita ou bissexual são termos que, quando empregados para designar divindades, ou figuras mitológicas, têm significação imprecisa ou são considerados sinônimos

A deusa de Mohenjodaro, uma das mais remotas representações de divindade hermafrodita, encontrada no Paquistão foi esculpida em terracota e tem genitália masculina e mamas. Não fosse por sua condição mítica que permite identifica-la com um ser hermafrodita ela seria numa leitura biológica simplesmente um homem com ginecomastia (desenvolvimento anormal de mamas no sexo masculino).

A idéia de um deus ou de um homem primal hermafrodita foi universalmente difundida desde as grandes civilizações da América central e sudoeste da Ásia até o mundo indo-europeu, norte e sul das Américas, África, Austrália e Ilhas do Pacífico. Os hermafroditas são mais comumente representados por figuras que se mostram divididas verticalmente em um lado masculino e um feminino.

Entre os hindus a representação da androginia passa por figuras que retratam a união entre o masculino e o feminino e um gesto de mãos próprio dessa cultura simboliza a união entre *Lingga* (falus) (masculino) e *Yoni* (vulva) (feminino)

Na tradição hindu a sexualidade começou quando o deus Shiva se apaixonou pelo seu próprio aspecto feminino. O Shiva, o grande deus, foi adorado em toda a Índia na forma de *Lingga* (falus) assentado no emblema feminino (*Yoni*).

No mundo grego o andrógino nasce da união entre Mercúrio e Vênus (Hermes e Afrodite, daí o termo hermafrodita) e Dionísio é representado às vezes por um ser em ereção ou por uma mulher. Aqui, algumas vezes, o comportamento andrógino é tolerado ou estimulado como sendo representativo de uma condição espiritual. Outras vezes, o nascimento de crianças com genitália dúbia era uma condição para que fossem eliminadas.

Há entretanto evidências de que no período helenístico e romano o hermafrodita era considerado uma figura erótica. Em Pompéia encontra-se um mural que retrata o orgiaco deus Pan horrorizado com uma visão de um hermafrodita.

Na cultura cristã os anjos (ângelos do hebraico *mal'ak* = mensageiro) tem nomes masculinos: Gabriel, Miguel, Rafael. Os iconógrafos cristãos inspiraram-se na figura pagã de Nike ou Victoria para representa-los o que justificou figuras de sexualidade ambigua. Nice, (em grego Νίκη, *Nikē* ou *Niké* – "Vitória") era uma deusa grega que personificava a vitória, representada por uma mulher alada (MACHADO, José Pedro. [Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa](#). Livros Horizonte. Lisboa, 2003).

Segundo Lanz, (LANZ, Leticia [berdache: a pessoa de “dois espíritos”](#). Disponível em <http://www.leticialanz.org/berdache-a-pessoa-de-dois-espíritos/> acessado em 22-03-2011), datam de 1530 os primeiros relatos de colonizadores europeus dando conta da existência de gêneros alternativos na maioria dos povos nativos norte-americanos. Embora as inúmeras variantes e peculiaridades dos gêneros alternativos identificados pelos europeus, seus representantes foram genericamente denominados de berdaches, vocábulo provavelmente derivado de bardaj, termo utilizado na Pérsia para designar homens afeminados e parceiros sexuais passivos. However, these uses, while descriptive of some aboriginal cultural practices and beliefs, depart somewhat from the 1990 purposes of promoting the term.

Recentemente, a palavra *berdache* tem sido substituído pelo termo Two-Spirit People. Use of the term has widely been replaced with *two-spirit* (except in scholarly literature, [10]) which originated in Winnipeg, Canada in 1990 during the third annual intertribal Native American/First Nations gay and lesbian conference. Uso do termo Two-Spirit People (bem como Two Spirit ou Twospirit), surgiu em 1990, a partir da Terceira Edição Anual da Conferência Intertribais de Nações Nativas Americanas e da Primeira Conferência Americana de Gays e Lesbicas

em Winnipeg. Uma pessoa "dois-espírito" indica alguém cujo corpo abriga ao mesmo tempo um espírito masculino e um espírito feminino. O termo também pode ser usado de forma mais abstrata, para indicar a presença de dois espíritos humanos contrastantes (como Guerreiro e Mãe Clã) ou dois espíritos animais contrastantes (o que, dependendo da cultura, pode ser Águia ou Coyote). (Wikipedia, 2011)

Sociologicamente o berdache poderia ser descrito como uma solução elegante e generosa para acolher indivíduos desadaptados à dualidade masculino/ feminino. Contudo, muito além de solução respeitosa para o possível impasse institucional criado por homens considerados “covardes”, relativamente aos padrões de gênero vigentes na tribo, os berdaches constituíram um segmento de pessoas tidas como abençoadas pelos deuses.

Acredita-se que a institucionalização do berdache se deva a uma acentuada estereotipia de papéis masculino. Os homens tendo que provar de forma heróica sua masculinidade tem no xamãismo e na androginia uma forma de escapar dessa exigência social.

No ocidente alguns artistas também retrataram os andróginos em suas produções. No Renascimento, o S. João Baptista de Leonardo Da Vinci é um bom exemplo.

O *travestivismo* tem sido um elemento teatral desde as peças Dionisianas da Grécia antiga. Foi ocasionalmente uma exigência legal, como no período elizabethano em que as mulheres não podiam aparecer no palco. Em muitos casos, entretanto, obedecia a uma exigência estética. Os personagens de homens jovens eram melhor representados por mulher e o de velhas damas por homens

No teatro Kabuki, japonês, os papéis femininos são representados por homens, os onnagatas. Os onnagatas são considerados pelas mulheres japonesas como alguém a ser imitado. As platéias japonesas gostam de assistir as peças de Shakespeare representadas por onnagatas nos papéis femininos porque sendo mais artificiais o fazem com mais habilidade e beleza. Em outras manifestações artísticas a figura andrógina esta sempre presente: na dança , no cinema, na moda etc

Um dos resultados da confusão reinante a cerca da identidade sexual é a popularidade da figura andrógina especialmente no mundo da moda. Para muitos jovens os ditames da moda jogam um importante papel em suas vidas. Em uma idade em que é desesperadamente importante ser aprovado por seus pares, a imagem de andrógino é correntemente aceita.

Finalmente no mundo pos moderno já se fala na idade do pós-genero. A dualidade dos gênero começa a ser questionada cientificamente pela Teoria Queer e na prática por posicionamentos individuais de vanguarda.

Um exemplo foi o fato recente de um casal canadense Kattie Witterick e David Stocker que, segundo o Daily Mail (2011) revelou em maio desse ano, que pretendem manter o sexo de seu bebê, chamado apenas de Storm (tempestade), como um segredo de família. Isso significa que Storm crescerá sem gênero definido. Acossada por críticas de psicólogos, a mãe justificou-se dizendo ter tomado a decisão por causa da pressão sofrida por Jazz, seu filho mais velho, um garoto que gosta de usar tranças e sempre vestiu roupas de menina, para que “agisse como menino”.

Assim concluo com Maria Irene Ramalho: “Tal como outros fenômenos sociais, o sexo é sempre fluidez de relação, sensibilidade, caracterização, representação, espetáculo. O sexo é sempre intersexo.” (SANTOS, Maria Irene Ramalho. **A Sogra de Rute ou Intersexualidades**. In: *Globalização Fatalidade ou Utopia*. (Org.) Boaventura de Sousa Santos. Porto: Edições Afrontamento, 2001.